

FILOSOFIA E CIÊNCIA: UMA APROXIMAÇÃO NECESSÁRIA ENTRE OS SABERES

ALEX F. DE SOUZA¹, ALISSON JUAN M. DOS SANTOS²

¹ Graduando em Licenciatura em Química, IFSP, Campus São José dos Campos, alex_fernandes1989@live.com.

² Pós-Graduando em Docência no Ensino Básico, IFSP, Campus São José dos Campos, alissonjuanms@hotmail.com.

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 7.08.01.01-0 Filosofia da Educação

RESUMO: A filosofia e a ciência apresentam, muitas vezes, certa rivalidade ou até mesmo antagonismo nas suas produções de conhecimento. Com isso, o objetivo do trabalho é analisar a condição e a relação que se estabelece entre essas duas naturezas do saber, de modo que, busca-se evidenciar a pouca interdisciplinaridade entre as disciplinas. Para isso, selecionou-se artigos publicados a partir de 2015, de modo que, através deste critério pudesse ser avaliada a aproximação da filosofia e da ciência no contexto atual, além de, textos clássicos referentes ao tema. E assim, é percebido que a ciência a partir de uma posição comteana, denomina-se autônoma sobre o conhecimento filosófico, partilhando de um distanciamento da possibilidade de complementaridade. O que evidencia a necessidade de um movimento contrário, de retorno e aproximação dos dois campos de conhecimento, uma vez que, a partir do aprofundamento da realidade, é que se configura o sentido do saber produzido pela ciência e pela filosofia.

PALAVRAS-CHAVE: Pensamento científico; Pensamento filosófico; Interdisciplinaridade; realidade.

PHILOSOPHY AND SCIENCE: A NECESSARY APPROACH TO KNOWLEDGE

ABSTRACT: Philosophy and science often present a certain rivalry or even antagonism in their knowledge production. With this, the objective of the work is to analyze the condition and the relationship that is established between these two natures of knowledge, in such a way that it seeks to show the little interdisciplinarity between the disciplines. For this, articles published from 2015 were selected, so that, through this criterion, the approximation of philosophy and science in the current context could be evaluated, in addition to classic texts on the theme. And so, it is perceived that science from a Comtean position, is called autonomous on philosophical knowledge, sharing a distance from the possibility of complementarity. What shows the need for an opposite movement, for the return and approximation of the two fields of knowledge, since, starting from the deepening of reality, the meaning of knowledge produced by science and philosophy is configured

KEYWORDS: Scientific thinking; Philosophical thinking; Interdisciplinarity; reality.

INTRODUÇÃO

As relações da filosofia com a ciência devem ser compreendidas com base na origem histórica dessas disciplinas. É uma ideia amplamente aceita entre os filósofos que a definição de filosofia é sua própria competência, logo a filosofia seria uma questão eminentemente filosófica. Ou seja, os filósofos sempre se perguntam qual é a natureza de sua reflexão e respondem filosofando (FULLER, 2019).

Já a Ciência Moderna compreende o corpo aperfeiçoável e crescente de ideias sobre a realidade material, que apresenta *a priori* duas condições essenciais: a) fornecer conhecimento racional, sistemático, exato, verificável e falível; b) e seu sucesso epistêmico está sujeito ao método hipotético-dedutivo que consiste na construção de explicações na forma de hipóteses matemáticas, que são direta e indiretamente contrastadas por meio da avaliação de dados experimentais (HELLER, 2019).

Toulmin (1958) traz que as propostas da filosofia e, em particular, a filosofia da ciência podem não se relacionar tão bem com o conhecimento científico, pois não resultam em opinião clara e definida. No entanto, segundo Kasavin (2017), na maioria das vezes, quando se tenta aproximar o conhecimento

filosófico à ciência, é-se feito um malabarismo com palavras cujo significado não está bem definido, evocando aqui e ali imagens, algumas intuições profundas que, na verdade, talvez só tenham aparência de profundidade. Em suma, como expõe Heller (2019), o cientista caminha para o lamenta sobre o terreno sólido de sua ciência, em que se entra em contato direto com seu objeto, mas se sente na impossibilidade de transcendê-lo. Maki e Macleod (2016) ainda falam que, mesmo quando tem gosto pelas ideias mais gerais, só se aventura nelas com muita cautela, sentindo que está em terreno solto e frágil, e que a qualquer momento pode escorregar sob seus pés.

Desta forma, este trabalho tem como objetivo analisar a ligação entre ciência e filosofia, que se trata também de uma necessidade evidente na contemporaneidade, visto que na atualidade há uma separação entre as duas áreas, mas que em sua origem, a ciência, como os estudos de química e física, surgiram justamente dos pensamentos e reflexões filosóficas.

MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia utilizada neste trabalho compreende uma leitura dos principais textos que tratam da filosofia e da ciência, abordando o aspecto histórico, os principais autores e pensamentos que embasam a ciência e filosofia moderna.

A união consistente dos pressupostos onto-epistemológicos da Filosofia Científica com os objetos científicos conceituais examinados aqui, tem sido o principal objetivo desta pesquisa. A partir de sua realização bem-sucedida, foi possível construir um conceito filosófico de ciência que representa um caminho na busca pela compreensão deste tema.

Os materiais selecionados como fonte de informação para este trabalho foram obtidos por meio da base de dados Scopus e Web of Science. Foram utilizados artigos publicados a partir de 2015 e livros de diferentes épocas, justamente buscando compreender o pensamento filosófico-científico em diferentes momentos. O uso de artigos publicados após 2015 se dá devido à necessidade de contemplar informações recentes, que descrevem o contexto atual do pensamento social sobre a filosofia e ciência, sobre como a sociedade enxerga a relação entre ciência e filosofia, e assim evidenciar de forma clara tais pensamentos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em primeira análise, estuda-se a hipótese de ciência e filosofia serem rivais, independentes ou ainda antagônicas, como aborda Fuller (2019). Esse panorama histórico permite compreender o que está em jogo nas relações da filosofia com a ciência autônoma. No nível teórico, essas são, principalmente, relações de substituição e contestação. Elas são tão conflitantes quanto aquelas situações em que a filosofia manteve historicamente com a religião. A época atual busca relações mais pacíficas e questiona se seria possível estabelecer colaborações interdisciplinares entre ciência e filosofia. Em outras palavras, depois da relação de identidade que considera a ciência incluída na filosofia, e posteriormente de rivalidade que compreende a ciência desafiando a filosofia sobre sua competência em questões cognitivas, pergunta-se, então, se há é possível uma relação de complementaridade.

Do ponto de vista histórico, é tão incongruente pedir uma complementaridade entre filosofia e ciência quanto entre religião e filosofia. Pode-se imaginar um trabalho interdisciplinar entre religião e filosofia, entre religião e ciência, entre alquimistas e químicos, astrólogos e astrônomos? Tem-se a sensação de que, se a ciência pretende ir além da religião e da filosofia no campo do conhecimento, como ela poderá aceitar alguma complementaridade.

Filosofia é, segundo Comte (1855), a coordenação de uma visão de mundo racional, ao invés de dogmática ou mística, e sabedoria teórica, ao invés de prática. E assim, temporariamente se separa essas duas dimensões para examinar de maneira mais precisa as relações da filosofia com a ciência; e portanto, pretende-se começar com o que elas têm em comum: a vocação cognitiva, ou o uso do instrumento da razão.

A ciência, uma vez fortalecida, não precisa da filosofia para melhorar seu conhecimento. Ninguém hoje nega à ciência sua primazia para o conhecimento positivo das coisas do mundo. A filosofia não tem nada a mais, ou superior, do que a ciência quando se trata da ideia de conhecimento, uma vez que, há a sobreposição das leis da natureza como conhecimento sólido, edificado,

experimentado e de progresso. A física, a química e as outras ciências naturais não estão mais sob a tutela filosófica. Elas são "livres" para o bem maior do conhecimento. Já no que se refere às ciências da vida, e especialmente às ciências humanas, a filosofia ainda resiste e pretende manter sua expertise.

Se alguém argumentar que as ciências humanas transmitem uma metafísica crua, segundo a qual a verdade do homem é seu aspecto mais externo, mais objetivo, mais quantificável, mais desumano, em suma, deve-se responder que isso é menos uma metafísica do que o pré-requisito fundamental de qualquer estudo científico. A busca da objetividade por meio de procedimentos de verificação, tais como experimentação, formalização e modelagem, é o método científico como tal. Se for contestada em nome de alguma outra ideia da natureza, da vida ou do homem, deve-se abandonar a ciência e adotar uma perspectiva filosófica.

Naturalmente, como a sociedade moderna bem sabe, a ciência não diz tudo sobre o homem e a vida, mas diz aquilo que se deseja saber sobre ela. Em termos de conhecimento objetivo, a ciência é muito superior à religião e à filosofia que ocupou seu lugar nos estágios pré-científicos da história da neogênese. Em outras palavras, a ciência realiza de forma "melhorada" o programa que já era o da religião e da filosofia em sua pretensão cognitiva, e não moral ou prática. Não se deve exagerar na oposição da ciência à religião e à filosofia: uma parte importante de sua ambição teórica diz respeito exatamente à mesma coisa: a explicação do mundo. A própria magia e o conceito de alquimia são uma forma primitiva de ciência, que explica o mundo à sua maneira, com leis tão precisas quanto possível.

Nesse sentido, caso se considere corretos os argumentos expostos, a filosofia deve abandonar o domínio do conhecimento à ciência, porque é menos capaz de saber e de conhecer o mundo. Por sua vez, a ciência deve seguir sua vocação cognitiva sem se preocupar com a filosofia. Se for oferecido a um cientista um programa de pesquisa interdisciplinar que o faça colaborar com os filósofos em uma questão cognitiva, ele deve recusar a oferta ou então correr o risco de perder seu tempo; assim como um filósofo teria apenas que fazer pesquisas interdisciplinares com religiosos em questões de filosofia.

Contudo, Chauvi (2017) observa que o pensamento científico se desenvolve dentro de um contexto histórico, cultural e intelectual: nenhuma descoberta é inteiramente desencarnada da realidade. Isso é o que faz Heller (2019) dizer que a influência das concepções filosóficas sobre o desenvolvimento da ciência foi tão grande quanto a das concepções científicas sobre o desenvolvimento da filosofia. Mas essa influência do contexto é a de um enraizamento, uma vez que, a ciência nasce da filosofia, que deve ser distinguida da influência intelectual brutal e inovadora que a ciência exerce em troca da filosofia. A influência que uma mãe exerce sobre seus filhos não é da mesma natureza que a influência intelectual que estes últimos, uma vez adultos, podem exercer sobre ela, por exemplo.

Como observa Kasavin (2017), para resolver problemas axiológicos, apenas a multidisciplinaridade é possível. Então ciência e filosofia precisam e devem caminhar juntas neste objetivo. No campo do conhecimento, a interdisciplinaridade entre ciência e filosofia raramente parece funcional, devido à relação assimétrica entre as duas disciplinas: os cientistas pensam não precisar dos filósofos para aumentar ou aprofundar seus conhecimentos. Essa afirmação só faz sentido quando se aceita que os problemas epistemológicos são problemas científicos, mais precisamente, que a epistemologia se autonomizou da filosofia, e que o fez de maneira adequada.

Mas as questões relativas ao conhecimento não são completamente absorvidas pela ciência técnica e pela epistemologia: permanecem problemas ainda mais gerais sobre os limites intrínsecos da ciência, sobre as relações da ciência com a sociedade, com a moralidade, com política, liberdade, felicidade, etc., como descreve Laplane et al., (2019). Para alguns deles, esses são problemas de filosofia da ciência. No entanto, a filosofia da ciência não é epistemologia de forma alguma: não diz o que é o conhecimento, como se forma e se desenvolve, mas reflete sobre as relações do conhecimento com as outras dimensões da existência humana. A fronteira da filosofia da ciência corre entre a epistemologia e a filosofia da ciência. O que torna a filosofia da ciência única, e o que a torna irreduzível à ciência (incluindo a epistemologia), é que ela questiona o próprio valor da ciência. O problema cognitivo dá lugar a um problema axiológico. O presente trabalho, na medida em que questiona o valor do conhecimento científico em relação às exigências do pensamento filosófico, pode ser entendido em parte como um reflexo da filosofia da ciência.

Por fim, a filosofia, na medida em que coordena saberes e valores, mesmo que o pensamento queira ser teórico do princípio ao fim, deve renunciar, em parte, à verdade e à universalidade. Todos esperam pensar e legislar universalmente, mas a inteligência talvez consista em reconhecer com Sócrates que "sei que nada sei". E principalmente, que uma teoria não é explicação da realidade, mas sim, como

afirma Marilena Chauí, é a própria determinação histórica, que por meio das interações, da socialização, dos sentidos humanamente elaborados e compartilhados é que se faz o real, e é este real que permite de um modo, ou de outro, florescer um conhecimento traduzido como teoria, mas que se não ocorrer por parte do pesquisador esta posição crítica e histórica a partir das condições que se “cria” um conhecimento, este saber pode ser na verdade a negação da própria realidade, portanto, o conhecimento filosófico e a filosofia da ciência buscam, através do ceticismo, justamente refletir a instrumentalização da ciência, e a propriedade do real que é assumida em suas proposições científicas.

CONCLUSÕES

A ciência compreendida a partir de seu terreno sólido de investigação e usufruto de seus produtos, antepõe-se à filosofia, numa atitude comteana de classificar a reflexão da razão como subposta a prática do positivismo, do naturalismo, e do experimentalismo do saber, entretanto, a filosofia reverbera nesta relação, a necessidade de constatação do real em direção ao objeto de estudo.

Sendo assim, a indisposição dos cientistas em relação ao conhecimento filosófico, está pautada na dissociação da relação conhecimento e realidade, uma vez que, toda teoria não exprime de forma assegurada o real, mas sim, através do agrupamento de significações, ou seja, das necessidades humanas, dos interesses sociais, das condições éticas e políticas, e do desenvolvimento da economia é que de fato, investe-se em ciência.

Por fim, se de um lado é a realidade que investe no desenvolvimento da ciência, no seu sentido contrário, quando esta esbarra com a condição humana, é a filosofia que se encarrega de refletir, de rememorar, de questionar, e, também, de reconhecer sua finitude, e, portanto, a relação ciência e filosofia precisa ser e incentivada e aproximada, de modo que, o produto de qualquer conhecimento esteja sempre integrado ao sentido do real.

REFERÊNCIAS

- CHAUÍ, Marilena. O que é ideologia. Brasiliense, 2017.
- COMTE, Auguste. The positive philosophy of Auguste Comte. Calvin Blanchard, 1855.
- FULLER, Steve. Philosophy of science and its discontents. Routledge, 2019.
- HELLER, Michał. How is philosophy in science possible?. *Zagadnienia Filozoficzne w Nauce*, n. 66, p. 231-249, 2019.
- KASAVIN, Ilya. Towards a Social Philosophy of Science: Russian Prospects. *Social Epistemology*, v. 31, n. 1, p. 1-15, 2017.
- LAPLANE, Lucie; MONTOVANI, Paolo; ADOLPHS, Ralph; CHANG, Hasok, MONTEVANI, Alberto; ROVELLI, Carlo; SOBER, Elliot; PRADEU, Thomas. Opinion: Why science needs philosophy. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 116, n. 10, p. 3948-3952, 2019.
- MÄKI, Uskali; MACLEOD, Miles. Interdisciplinarity in action: philosophy of science perspectives. *European Journal for philosophy of science*, v. 6, n. 3, p. 323-326, 2016.
- TOULMIN, Stephen Edelston. The philosophy of science. Genesis Publishing Pvt Ltd, 1958.